

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Breve reconstituição histórica do desenvolvimento humano pelas lentes da Teoria da Atividade em Leontiev

Por: Neuton Alves de Araújo¹araujo060416@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste artigo, de natureza teórica, ainda não publicado, é o de compreender o desenvolvimento humano com base nos pressupostos marxistas presentes em Leontiev (1978), Luria (1979), Vygotsky e Luria (1996), Marx e Engels (2010) e de estudiosos que têm se dedicado a interpretar as ideias desses teóricos, dentre outros, Rigon et al. (2010), Kosik (2011) e Duarte (2013). Para tanto, buscamos resposta para a indagação que norteou este estudo: como se caracteriza o movimento da formação do homem ao se considerar seu processo histórico e ontológico a partir de sua relação com a natureza? Este estudo nos provocou no sentido de atribuímos novos significados acerca do processo de desenvolvimento do psiquismo humano, superando a concepção naturalizante da psicologia que desvaloriza nesse processo de desenvolvimento, dentre outros, os aspectos: relações sociais, formas de produção da sobrevivência e cultura. Ficou evidenciado que é somente no trânsito da consciência social (interpsíquico) para a consciência individual (intrapsíquico), ao atuar sobre a natureza para suprir suas necessidades, do desenvolvimento de sua consciência, da fabricação e uso de instrumentos e signos, sobretudo a linguagem, do desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores, modificando suas ações em novas formas de comportamento culturais, que o homem se humaniza, processo esse denominado pela Teoria da Atividade em Leontiev de educação.

Palavras-chave: Formação do Homem; Perspectiva Histórica e Ontológica; Trabalho; Desenvolvimento da Consciência; Linguagem.

¹ É Doutor pela Universidade de São Paulo – USP, é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, é Especialista em Matemática para o Ensino Médio pela Universidade Federal do Piauí – IFPI e é Graduado e Licenciado em Ciências Matemática pela Universidade Estadual do Piauí – UEPI. É servidor público federal, docente do Ensino Superior, professor de Matemática, lotado junto ao Centro de Ciências da Educação, na Universidade Federal do Piauí, na cidade de Teresina – PI. É revisor do periódico “Poiésis: revista do Programa de Pós-graduação em Educação” (UNISUL). É coautor dos livros: “As lentes da pesquisa: possibilidades de análise sobre formação de professores e práticas educativas” (2017); “Professores e futuros professores em atividade de formação” (2016) e “Educação matemática: contextos e práticas” (2010).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumo

La celo de ĉi tiu artikolo, teoriaj en naturo, ankoraŭ ne eldonita, estas por kompreni homan disvolviĝon surbaze marksisma supozoj ĉeestas en Leontiev (1978), Luria (1979), Vygotsky kaj Luria (1996), Marx kaj Engels (2010) kaj kleruloj, kiuj dediĉis al interpreti la ideojn de tiuj teoriistoj, inter aliaj, Rigon et al. (2010), Kosik (2011) kaj Duarte (2013). Sekve, ni celas respondi la demandon kiu gvidis tiu studo: kiel karakterizis la movado de la formado de la homo fare konsiderante lia historia kaj ontologia procezo de ilia rilato kun la naturo? Ĉi tiu studo instigis nin atribui novajn signifojn pri la procezo de disvolviĝo de la homa psiko, superante la naturan koncepton de psikologio, kiu devigas en ĉi tiu evoluo, inter aliaj, la aspektojn: sociaj rilatoj, formoj de produktado de postvivado kaj kulturo. Oni rimarkis, ke ĝi estas nur en la trafiko de socia (intersika) konscio al la individua (intrapsika) konscio, agante sur la naturo por provizi siajn bezonojn, la disvolviĝon de sia konscio, la fabrikadon kaj uzadon de instrumentoj kaj signoj, pri la evoluo de iliaj pli altaj psikologiaj funkcioj, modifante siajn agojn en novaj formoj de kultura konduto, kiun homo homo, procezo nomata Teorio de Aktiveco en Leontiev pri edukado.

Ŝlosilvortoj: *Formado de Viro; Historia kaj Ontologia Perspektivo; Laboro; Disvolviĝo de Konscio; Lingvo.*

Abstract:

The objective of this article, of a theoretical nature, not yet published, is to understand human development based on the Marxist presuppositions found in Leontiev (1978), Luria (1979), Vygotsky and Luria (1996), Marx and Engels and of scholars who have devoted themselves to interpreting the ideas of these theorists, among others, Rigon et al. (2010), Kosik (2011) and Duarte (2013). To that end, we seek an answer to the question that guided this study: how is the movement of human formation characterized by considering its historical and ontological process from its relation to nature? This study provoked us to attribute new meanings about the process of development of the human psyche, overcoming the naturalizing conception of psychology that devalues in this process of development, among others, the aspects: social relations, forms of production of survival and culture. It has been evidenced that it is only in the transit of social (intersychic) consciousness to the individual (intrapsychic) consciousness, acting upon nature to supply its needs, the development of its consciousness, the manufacture and use of instruments and signs, of the development of their higher psychological functions, by modifying their actions in new forms of cultural behavior, which man humanizes himself, a process called by Leontiev's Theory of Activity in education.

Keywords: *Formation of Man; Historical and Ontological Perspective; Job; Development of Consciousness; Language.*



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Introdução

Neste artigo, ainda não publicado, o objetivo é o de compreender o desenvolvimento humano a partir das contribuições teóricas da Teoria da Atividade em Leontiev. Na verdade, é parte da fundamentação teórica do estudo de doutoramento que desenvolvemos sobre o professor em atividade de aprendizagem de conceitos matemáticos.

Para isso, com o propósito de compreender a própria essência humana, no caso do estudo de doutoramento, do professor que ensina matemática, buscamos explicar o processo histórico e ontológico da formação do homem como ser social.

Para o empreendimento das explicações acerca dessa problemática, partimos do pressuposto de Marx (2006, p. 116) de que "o homem *vive* da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer [...] o homem é uma parte da natureza". E, como acrescentam Lessa e Tonet (2011, p. 17), "esta é a base ineliminável do mundo dos homens. Sem a sua transformação, a reprodução da sociedade não seria possível".

Esses pressupostos marxistas nos provocaram a refletir sobre a concepção do homem enquanto ser social a partir da sua relação com a natureza e daquilo que diferencia o "gênero humano" (DUARTE, 2013) das espécies animais e ainda sobre o lógico histórico do conceito. Cabe, então, a indagação que norteará este estudo: Como se caracteriza o movimento da formação do homem ao se considerar seu processo histórico e ontológico a partir de sua relação com a natureza?

Tendo como base os pressupostos marxistas presentes em Leontiev (1978), Luria (1979), Vygotsky e Luria (1996), Marx e Engels (2010) e de estudiosos que têm se dedicado a interpretar as ideias desses teóricos, dentre outros, Rigon et al. (2010), Kosik (2011) e Duarte (2013), buscamos respostas para o questionamento ora registrado, a partir de uma perspectiva historicizadora.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O processo histórico e ontológico da formação do homem como ser social

Ao elucidarmos o movimento de formação humana, definido por Saviani (1991, p. 96) como "[...] o processo através do qual o homem produz a sua existência no tempo", também conhecido como processo de humanização ou ainda formação do psiquismo humano, preliminarmente, os teóricos marxistas explicam que as respostas às questões norteadoras deste estudo, devem ter como ponto de partida a análise daquilo que diferencia a atividade humana da atividade animal. Dito por outras palavras, "a caracterização daquilo que é próprio ao mundo construído historicamente pelos seres humanos" (DUARTE, 2004, p. 46).

Sobre a discussão em foco, de acordo com os pressupostos leontievianos, é pertinente acrescentarmos que, para se compreender o que é específico do homem, primeiro, há de se considerar suas características biológicas/características da espécie, embora que a análise dessas características não apresente elementos suficientes para assimilarmos o que é o ser humano em sua essência pois, como assevera Duarte (2013, p. 100),

[...] qualquer teoria sobre o ser humano que se pretenda fundamentar na ciência, não pode desconsiderar a origem biológica da espécie humana. Antes de tudo o homem tem sua origem decorrente da evolução das espécies, não sujeito a qualquer tipo de vontade consciente. Nesse sentido o ser humano é primeiramente uma espécie animal. É preciso ficar claro que ao estabelecer uma distinção entre as categorias de espécie humana e de gênero humano, não estou de forma alguma defendendo que o ser humano não seja uma espécie animal, com origem na evolução das espécies. Sem a gênese biológica das características da espécie humana, não haveria o processo histórico de desenvolvimento do gênero humano.

Depreendemos do pensamento de Duarte, aparentemente, fundamentado em Marx e Engels (2010) na obra *A Ideologia Alemã*, que o primeiro pressuposto de toda história humana, como mencionado, é o de que os seres humanos são antes de tudo seres vivos, cuja existência está atrelada a sua base biológica e que, portanto, "[...] toda a historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua transformação pela ação dos homens no curso da história" (MARX; ENGELS, 2010, p. 44).

A título de esclarecimentos, a expressão "transformação pela ação dos homens no curso da história", de acordo com os pressupostos marxistas, é entendida como sendo as



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

características genéricas do ser humano, características essas que se desenvolveram ao longo da história da humanidade, decorrentes da própria ação do homem. No entorno desta problemática, Mark e Engels (2010, p. 44-45, grifo nosso), reforçam:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo o que se queira. No entanto, eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus *meios de existência*, e esse salto é condicionado por sua *constituição corporal*. Ao produzirem seus *meios de existência*, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material [...] O que os indivíduos são, por conseguinte, depende das *condições materiais de sua produção*.

O conteúdo da citação de Marx e Engels nos revela que somente a análise das características biológicas não garante chegar à essência do conceito "ser humano", como já foi dito anteriormente, uma vez que, como eles próprios afirmam, precisamos também levar em conta o processo de "[...] transformação pela ação dos homens no curso da história". Assim, nos perguntamos: afinal, o que eles querem dizer com "ação dos homens"? E por que essa ação é tão relevante nesse processo?

Na interpretação que fizemos das concepções teóricas de Marx e Engels, o que se observa é que esses pesquisadores ao remeterem à expressão "ação dos homens", na verdade, estão se referindo àquilo que na perspectiva marxista é vista como atividade humana vital - o trabalho. Aquilo que distingue o homem dos demais animais. É pelo trabalho, como esclarecem, que "[...] ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material [...] O que os indivíduos são, por conseguinte, depende das condições materiais de sua produção".

Assim, ao afirmarem que os homens começam "a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse salto é condicionado por sua constituição corporal", entendemos que os homens deram início à produção de seus meios de existência, a partir, por exemplo, da descoberta da função das próprias mãos e do funcionamento da fala, se apropriando da matéria prima posta pela natureza (rochas, troncos de madeira, ossos, peles de animais etc.), transformando esses objetos em outros para atender suas necessidades vitais.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A título de exemplo que possa melhor ilustrar essa situação, destacamos que, de posse das rochas, os homens fabricaram ferramentas e armas, de corte ou percussão, emanando, portanto, novas funções para esses objetos de sua apropriação. Esse ato de criação gerou, assim, para eles novas necessidades de objetivação e de apropriação.

Dessa forma, como explana Leontiev (1978, p. 265), "cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objectos e de fenómenos criados pelas gerações precedentes". É exatamente aqui o momento em que se apreende a principal diferença entre o homem e os outros animais (MARK; ENGELS, 2010), muito embora, como esclarece Marx (2006, p. 117), saibamos que:

[...] o animal também produz. Ergue um ninho, um habitação, como as abelhas, os castores, as formigas, etc. Mas só produz o que é absolutamente necessário para si ou para os seus filhotes; produz apenas numa só direção, ao passo que o homem produz universalmente; produz somente sob a dominação da necessidade física imediata, enquanto o homem produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade de tal necessidade; o animal apenas se produz a si, ao passo que o homem reproduz toda natureza; o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem é livre diante do seu produto. O animal constrói apenas segundo o padrão e a necessidade da espécie a que pertence, ao passo que o homem sabe como produzir de acordo com o padrão de cada espécie e sabe como aplicar o padrão apropriado ao objeto; assim, o homem constrói também em de acordo com as leis da beleza.

Embora encontremos nas abelhas, nos castores, nas formigas, no joão-de-barro e em vários outros animais, ações como as mencionadas por Mark e Engels (2010), estas ações, na perspectiva marxista, não são sinônimos de trabalho. Primeiro, porque no caso dos animais, a organização, assim também como a efetivação das mesmas são determinadas geneticamente, o que não provoca nenhum avanço no seu desenvolvimento. Esses animais sempre produzirão no mesmo feitio, como por exemplo, o joão-de-barro, que fabrica o ninho de barro no formato de forno. No caso particular dos homens, as ações e os resultados destas são sempre desenhados (ou idealizados) na consciência antes de serem construídos na prática. Eis a razão pela qual não se pode falar em trabalho como sendo as ações desenvolvidas por esses animais.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O trabalho é o tipo de atividade por meio do qual o homem não somente arquiteta materialmente a sociedade, a partir das suas capacidades de idear e de objetivar, mas também faz os baldrames para que se humanize, se torne um autêntico ser social (LESSA; TONET, 2011). Nessa perspectiva de cunho materialista, trabalho não remete a um conceito equivalente a emprego, atividade remunerada, profissão ou outros conceitos quaisquer associados ao processo de troca típico da sociedade capitalista, como comumente se ouve falar nos dias atuais. Remete-nos a um conceito chave por tratar de uma atividade prática, uma atividade produtiva.

Assim esclarecido, justifica-se o porquê de os homens por meio do trabalho demonstrarem a própria realidade em uma atividade objetiva, conforme a acepção teórica de Kosik (2011, p. 126):

Na produção e reprodução da vida social, isto é, na criação de si mesmo como ser histórico-cultural, o homem produz: 1) os bens materiais, o mundo materialmente sensível, cujo fundamento é o trabalho; 2) as relações e as instituições sociais, o complexo das condições sociais; 3) e, sobre a base disto, as ideias, as concepções, as emoções, as qualidades humanas e os sentidos humanos correspondentes.

Nesse contexto, especificamente no que tange ao cenário da atividade pedagógica, da organização do ensino, conforme os princípios teórico-metodológicos da Teoria da Atividade, o professor deve compreender seu trabalho como "atividade". Além disso, o significado de atividade é visto como o processo no qual a realidade sofre metamorfose movida por esforços criativos dos homens. Compreendido dessa forma, o trabalho se torna a forma original desta metamorfose. Portanto, quaisquer atividades de natureza humana mental e material são provenientes do trabalho. Essas atividades conservam sua peculiaridade principal que é a transformação da realidade e das pessoas como ação (DAVIDOV, 1999).

Prestados os esclarecimentos que julgamos necessários nessa discussão sobre o processo histórico de desenvolvimento do gênero humano, oportunamente, lembramos que este fenômeno não surgiu e se desenvolveu repentinamente. Trata-se de um fenômeno que teve início há milhões de anos, transcorrido através de um processo muito mais duradouro que o correspondente ao período do homem "civilizado" aos dias atuais e que compreende uma série



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de estágios. À época, à luz dos dados da paleontologia, Leontiev (1978) apresenta, de forma sintética, quatro estágios que caracterizam o processo da passagem dos animais ao gênero humano.

O primeiro estágio é o da "preparação biológica" e, conforme Leontiev (1978, p. 262), pode ser assim caracterizado:

Começa no fim do terciário e prossegue no início do quaternário. Os representantes, chamados australopitecos, eram animais que levavam uma vida gregária; conheciam a posição vertical e serviam-se de utensílios rudimentares, não trabalhados; é verossímil que possuísem meios extremamente primitivos para comunicar entre si. Neste estágio reinavam ainda sem partilha as leis da biologia.

Em conformidade com Leontiev (1978), acerca das características do desenvolvimento humano, o autor sustenta a tese de que o homem tem origem animal e que no estágio da "preparação biológica" já se servia de utensílios rudimentares.

É interessante, ainda destacarmos que no referido estágio, impelido por suas próprias necessidades de subsistência, o homem (neste caso, os australopitecos) dá início ao processo de hominização, pois ao lutar pela sua sobrevivência não só se adapta ao meio como, também, começa a modificá-lo, ao empregar instrumentos de trabalhos ainda não preparados especialmente por ele, a exemplo das lascas de pedra tosca (LURIA, 1979) para caça de animais e outras atividades.

Nesse estágio de desenvolvimento filogenético, o homem era regido, sobretudo por leis biológicas e, dessa forma, sua vida se dava por transformações imprimidas pelas forças hereditárias, também conhecidas por reações hereditárias, modos inatos de comportamento ou instintos (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 55). Por retratar o processo de hominização, recomendamos o filme "A Guerra do Fogo". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6A7okxazNRw&list=PL222E27B978B352DA>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Além disso, como explanam Vygotsky e Luria (1996, p. 55), nesse estágio as forças hereditárias:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

servem principalmente para satisfazer as necessidades básicas de um organismo. Sua função biológica é a de autopreservação e de reprodução. O principal traço distintivo das reações instintivas é que elas atuam sem terem sido aprendidas e são estruturalmente inerentes ao organismo. Imediatamente após o nascimento, uma criança move mãos e pernas, chora, suga o seio e engole o leite. Porém, nem todos os instintos amadurecem tão precocemente quanto a sucção e nem todos são funcionais imediatamente após o nascimento. Muito deles, o instinto sexual por exemplo, amadurecem muito mais tarde, apenas quando o próprio organismo atinge um estágio suficientemente alto de maturação e desenvolvimento. Contudo, mesmo esses instintos que amadurecem mais tarde caracterizam-se ainda pelo mesmo traço fundamental. Essa constitui a reserva inata de reações à disposição do animal como resultado de sua estrutura hereditária.

Depois dos australopitecos, os fósseis encontrados foram classificados como pertencentes ao estágio dos pitecantropos (ou *Homo erectus*). Trata-se de um estágio mais duradouro que o anterior por contemplar uma série de grandes etapas, sendo possível percebermos transformações qualitativamente superiores às do australopiteco, assim também como formas embrionárias de humanidade no que tange ao processo histórico e ontológico da formação do homem como ser social. O mencionado estágio finda com o advento do homem Neanderthal, espécie animal que já desenvolvia uma série sofisticada de tarefas semelhantes às do homem atual, porém num nível ainda não tão trabalhado, entre outras, a construção de abrigos, controle do [fogo](#) e remoção da pele dos animais.

O homem no estágio em foco, no que tange ao processo de desenvolvimento filogenético, ainda se encontrava submetido às leis biológicas, a traduzir-se por alterações anatômicas, transmitidas de geração a geração pela hereditariedade. No entanto, trata-se de um período que representa um grande avanço no processo de hominização.

Primeiro, por ser o período em que se dá início ao fabrico de instrumentos preparados especialmente pelo homem, de certa forma trabalhados, como por exemplo, a lâmina e a flecha. Em tais instrumentos, era possível identificar, como assevera Luria (1979, p. 76, grifo do autor), "[...] tanto o gume, com o qual o homem primitivo podia esfolar o animal morto ou cortar pedaços de árvore, como a 'lombada', a parte arredondada, que servia para manter-se comodamente na mão" (LURIA, 1979, p. 77-76, grifo do autor). E, segundo, porque este fato



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

influenciou os primeiros formatos, mesmo embrionários, de trabalho e de sociedade (LEONTIEV, 1978). Ainda, conforme Leontiev (1978, p. 262, grifo nosso), no estágio em foco,

Começavam a produzir-se, sob a influência do desenvolvimento do trabalho e da comunicação pela linguagem que ele suscitava, modificações da constituição anatômica do homem, do seu cérebro, dos seus órgãos dos sentidos, da sua mão e dos órgãos da linguagem; em resumo, o seu desenvolvimento biológico tornava-se dependente do desenvolvimento da produção. Mas *a produção é desde o início um processo social que se desenvolve segundo as suas leis objectivas próprias, leis socio-históricas.*

Observamos, portanto, que a influência do desenvolvimento do trabalho e da comunicação pela linguagem, manifestadas no estágio em discussão, decorrente da produção, fruto da atividade humana e de sua organização social, faz engendrar sobre o Homo erectus leis, ainda submetido às biológicas, como enfatizado anteriormente, leis que superam as da força da natureza, às quais Leontiev chama de leis objetivas próprias ou sócio-históricas. Essas leis são movidas por força e fruto das ações historicamente situados do homem enquanto ser social.

Em decorrência desse avanço, a realidade do homem, tanto a objetiva quanto a subjetiva também avança. E, assim, surgem novos instrumentos (de certo modo, num formato trabalhado), novas habilidades, conhecimentos e necessidades intrínsecas ao processo histórico e ontológico da formação desse ser social, transformando suas ações em "neoformações", ou o que Vigotski chama de funções psicológicas superiores.

Ao evocarmos os pensamentos de Vygotsky e Luria (1996, p. 52, grifo dos autores) sobre essa problemática, os autores afirmam que o avanço descrito representa, na verdade:

[...] o fim da etapa orgânica de desenvolvimento comportamental na sequência evolutiva e prepara o caminho para uma transição de todo desenvolvimento para um novo caminho, criando assim o *principal pré-requisito psicológico do desenvolvimento histórico do comportamento*. O trabalho e, ligado a ele, o desenvolvimento da fala humana e outros signos psicológicos utilizados pelo homem primitivo para obter o controle sobre o comportamento significam o começo do comportamento cultural ou histórico no sentido próprio da palavra.

Sobre o processo histórico e ontológico da formação do homem como ser social, especificamente no que se refere à hominização, o estágio em questão termina com o advento



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do último estágio apontado por Leontiev (1978, p. 263) - "o do aparecimento do tipo do homem actual - o Homo *sapiens*. Ele constitui a etapa essencial, a viragem". Mas, por que Leontiev afirma isso? Eis a resposta que o próprio Leontiev (1978, p. 263) nos dá. Representa, sem dúvida, o momento em que o homem já se encontra totalmente completo por possuir "[...] todas as propriedades biológicas necessárias ao seu desenvolvimento sócio-histórico ilimitado. Em outras palavras, a passagem do homem a uma vida em que a sua cultura é cada vez mais elevada não exige mudanças biológicas".

Ao fazer essa afirmação, na verdade, Leontiev (1978, p. 264), esclarece que isso não significa dizer que no processo de humanização no estágio em tela tenham sido desprezadas as leis naturais ou "leis da variação e da hereditariedade". O que houve, portanto, foi uma viragem, como o autor refere: "apenas as leis sócio-históricas regerão doravante a evolução humana" (LEONTIEV, 1978, p. 263).

Dessa forma, entendemos que no processo de desenvolvimento humano, há prioridade dos fatores sociais sobre os de natureza biológica. Na visão dos pressupostos leontievianos, o desenvolvimento ontogenético da psique é assentado pelos processos de apropriação das significações das formas histórico-sociais da cultura, cujas leis são completamente diferentes das que regem os processos naturais (DAVIDOV; SHUARE, 1987).

Assim, em decorrência do trabalho na perspectiva definida anteriormente, do desenvolvimento da consciência, da fabricação e uso de instrumentos e de signos, em que de modo particular citamos a linguagem, o homem começou a atuar sobre a natureza para suprir suas necessidades, modificando suas ações em novas formas de comportamento culturais e, como acrescenta Lefebvre (1979, p. 38),

[...] no decorrer deste desenvolvimento, certos produtos adquirem, invariavelmente, uma existência autônoma. O aspecto mais essencial e mais profundo do próprio homem, o seu pensamento e as suas ideias, parecem-lhe proceder de outra parte e de outro que não ele. As formas da sua atividade, do seu poder criador, libertam-se dele e o homem começa a crer na sua existência independente.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No processo em discussão, foram sendo desenvolvidas no homem o que Vigotski denominou de funções psicológicas superiores ou "funções culturais" (PINO, 2000), expressões que nos escritos de Leontiev e de Luria são, respectivamente, equivalente a "órgãos funcionais" ou "neoformações" e "motivos superiores/intelectuais". São capacidades tipicamente humanas, dentre outras, a percepção, a atenção mediada, a consciência, a reflexão, a criticidade, a análise, a memória cultural, o comportamento volitivo e o planejamento.

Importa destacarmos que, mesmo com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, os processos psíquicos naturais ou funções elementares (percepção elementar, atenção involuntária, memória natural/imediata, generalização etc.) não são eliminados frente ao desenvolvimento dessas capacidades superiores. O que ocorre é que elas - as funções inferiores ou "motivos biológicos do comportamento" (LURIA, 1979) - "[...] são estruturadas e organizadas segundo objetivos sociais e meios de conduta especificamente humanos", como bem esclarece Kozulin (2002, p. 117).

Como referido anteriormente, a fabricação e o uso de instrumentos e de signos, sobretudo a linguagem, que ao formar par com o trabalho se torna a coluna vertebral tanto no processo de formação da consciência quanto no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (LURIA, 1979), são fatores que contribuíram de forma preponderante para que "o homem se tornasse humano" (RIGON et al, 2010). Essas afirmações nos colocam diante da reflexão: por que, então, é dada à linguagem importância tão significativa nessa viragem?

É Luria (1979) quem nos dá a resposta ao discutir a temática "o trabalho e a formação da atividade consciente". Para o autor, no processo de transição da história natural dos animais à história social dos homens, a linguagem é a segunda condição desencadeadora para que ocorram mudanças fundamentais à atividade consciente dos homens, perdendo somente para o trabalho coletivo, conforme a perspectiva elucidada pelos pressupostos marxistas, em que se dá ênfase ao emprego dos instrumentos de trabalho.

Sobre essa problemática, parece oportuno acrescentarmos que, conforme Luria (1979), há vários papéis desempenhados pela linguagem, os quais desencadeiam nos homens a atividade consciente e a formação das capacidades psíquicas. Ao discutir sobre esses papéis, o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

autor se atém apenas a três deles por considerá-los essenciais no processo em foco: a capacidade de discriminação de objetos, bem como a abstração e a generalização.

O primeiro papel consiste em discriminar objetos/coisas, bem como dirigir a atenção para eles e, ainda, mantê-los na memória ao se nomear tais objetos ou mesmo eventos do mundo exterior, podendo o homem se apoiar em palavras, isoladas ou combinadas. Isso justifica o fato de o homem chegar a um nível de conhecimento capaz de lidar com objetos do mundo exterior, estando ou não presentes - o conhecimento teórico/científico. Para tanto, basta o homem pronunciar interna ou externamente uma palavra para que a imagem do objeto se faça presente e o coloque em condições de operar com tal imagem. Assim, elucidado, compreendemos que "[...] a linguagem *duplica o mundo perceptível*, permite conservar a informação recebida do mundo exterior e cria um mundo de imagens interiores [...] que surge como base na linguagem e pode ser usado pelo homem em sua atividade" (LURIA, 1979, p. 80).

O segundo papel da linguagem, que desencadeia nos homens a atividade consciente e a formação das funções psicológicas superiores, consiste em assegurar dois processos fulcrais no tocante à apropriação das significações de conceitos: a abstração e a generalização. O desenvolvimento desses dois processos, decorrente do entendimento de que as palavras de uma língua não apenas representam o trabalho de análise e de classificação de objetos/coisas mas, também contribuem na dinâmica de abstração das suas propriedades fundamentais. Assim, encontramos a justificativa para as palavras conscientes ocuparem representarem o "microcosmo da consciência humana", no entender de Vigotski (2009, p. 486).

Portanto, é isso que garante à linguagem um *status* que supera a condição de meio de comunicação, pois conforme o exposto, pode ser vista como o mecanismo mais importante do pensamento, em decorrência de garantir a viragem do pensamento empírico/sensorial ao teórico/científico na representação do mundo (LURIA, 1979). E além disso, como complementa Kopnin (1978, p. 24), a linguagem é, na verdade, "[...] uma forma de existência do conhecimento sob a forma de sistema de sinais. Daí a própria ciência atuar sempre na forma de certa linguagem [...]".

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Sobre o terceiro papel da linguagem, o qual está interligado aos anteriores, representa o aspecto mais significativo no processo em discussão, uma vez que é o fio condutor de transmissão dos conhecimentos científicos agregados ao longo do processo histórico e ontológico da formação do homem como ser social. Vale registrar que o referido papel é decorrente da compreensão de que a linguagem é o veículo mais significativo do pensamento, nessa tríplice significação.

Assim, fica evidenciado que com a aparição da linguagem houve um grande avanço no que diz respeito ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores e, em decorrência, do desenvolvimento da consciência e da apropriação de conceitos, "[...] válido tanto para o homem adulto como para a criança cujas faculdades intelectuais estão ainda em formação", como tão bem lembrado por Moura et al. (2011, p. 45), apoiados nas acepções teóricas de Leontiev (s/d). Para reforçar a explicação sobre essa problemática, evocamos os pensamentos de Luria (1979, p. 81, grifo do autor):

Ao transmitir a informação mais complexa, produzida ao longo de muitos séculos de prática-social, a linguagem permite ao homem assimilar essa experiência e por meio dela dominar um ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma poderiam ser resultado da atividade independente de um indivíduo isolado. Isto significa que com o surgimento da linguagem surge no homem um tipo inteiramente novo de desenvolvimento psíquico desconhecido dos animais, e que a linguagem é realmente o meio mais importante de desenvolvimento da consciência.

Diante desses esclarecimentos, apreendemos que, ao dar início ao desenvolvimento da consciência a partir do trabalho social, da fabricação e do uso de instrumentos e signos, sobretudo da aquisição da linguagem, os homens começam a atuar sobre a natureza para suprirem suas necessidades, modificando suas ações em novas formas de comportamento culturais e, assim, desenvolvendo suas funções psicológicas superiores, fenômeno essencialmente humano e que o diferencia qualitativamente das outras espécies animais.

Assim, é a partir desse movimento que os homens vão se apropriando dos conceitos em geral, "[...] num processo de apropriações e de objetivações, viabilizado por meio do



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

trabalho [...]” (RIGON et al., 2010, p. 19), reconstruindo seu percurso de desenvolvimento histórico e ontológico de formação como ser social.

Considerações Finais

A discussão teórica apresentada neste artigo, respaldada pelo pensamento leontieviano, nos provocou no sentido de atribuímos novos significados acerca do processo de desenvolvimento do psiquismo humano, superando a concepção naturalizante da psicologia que desvaloriza nesse processo de desenvolvimento aspectos como relações sociais, formas de produção da sobrevivência e cultura.

Ficou evidenciado que é somente no trânsito da consciência social (interpsíquico) para a consciência individual (intrapíquico), ao atuar sobre a natureza para suprir suas necessidades - o que pelos pressupostos teóricos do Materialismo Histórico e Dialético é cunhado de trabalho -, do desenvolvimento de sua consciência, da fabricação e uso de instrumentos e signos, sobretudo, a linguagem, do desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores, modificando suas ações em novas formas de comportamento culturais, é que o homem se torna humano.

A esse respeito, como tão bem lembrado por Rigon et al (2010), é nesse trânsito do social para o individual, mediado pelo trabalho, que o homem se apropria dos conceitos teóricos/científicos, ou melhor, se humaniza. Eis aqui o significado de educação para Leontiev. Nessa perspectiva de educação, Leontiev dá destaque à função da educação no processo de desenvolvimento do psiquismo humano. No entanto, é oportuno pontuarmos que esse teórico, ao chamar atenção da relevância da função da educação nos leva a uma reflexão e tomada de consciência das nossas ações de ensino enquanto professores.

Ao contrário das orientações didático-pedagógicas imbuídas da lógica formal, em que o professor prioriza tarefas (listas de exercícios, ditados de palavras soltas, tarefas etc.) e recursos didáticos de ensino preocupado apenas em cumprir o currículo, muitas vezes, de forma não planejada, não intencional, por entendemos que isso poderá afetar negativamente o movimento de apropriação de conceitos teóricos, decorre desse entendimento a necessidade de se



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

organizar o ensino numa perspectiva humanizadora, contra hegemônica. Estamos no referindo à perspectiva discutida neste estudo que concebe o conhecimento como produto da atividade humana em suas múltiplas dimensões e, em consequência disso, encarna o processo sócio-histórico de sua produção (RIGON et al, 2010).

Referências

- DAVIDOV, V; SHUARE, M. (Org.). *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (Antologia)*. Moscou: Progreso, 1987.
- DAVIDOV, V. “Uma nova abordagem para a interpretação da estrutura e do conteúdo da atividade” In CHAIKLIN, S.; HEDEGAARD, M (Org.). *Activity theory and social practice: cultural-historical approaches*. Aarhus University Press, 1999.
- DUARTE, N. (Org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- _____. **A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-cultural da formação do indivíduo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- KOPNIN, P. V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KOZULIN, A. “O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos” In DANIELS, H. (Org.). **Uma introdução à Vygotsky**. São Paul: Edições Loyola, 2002. p. 111-137.
- LEFÈBVRE, H. **O marxismo**. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A., 1979.
- LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.
- LESSA, S; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral. v. 1 (Introdução Evolucionista à Psicologia)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paul: Martins Claret Ltda., 2006.
- _____; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MOURA et al. “Objetivação e apropriação de conhecimentos na atividade orientadora de ensino” In **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011, p. 39-50.
- PINO, A. “O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano” In **Cadernos CEDES. Pensamento e linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética**. n. 24, p. 32-43, ano 1991.
- RIGON, A. J. et al. “Sobre o processo de humanização” In MOURA, M. O. de (Org.). **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. Brasília: Liber livro, 2010. p. 13-44.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 40).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulb: WMF Martins Fontes, 2009.